

ESPECIAL

Cláudia, a incansável

Se uma nova geração de crianças desponta com a expectativa de uma vida melhor, parte desse mérito é da promotora de Justiça Cláudia Helder Formolo Balbinot, 35 anos. Para sorte de muitos meninos e meninas, a mãe da pequena Laura, dois anos, trocou o alto salário e o conforto de um cargo na esfera federal de Caxias do Sul pelas ruas e vilas de Farroupilha porque idealizava um trabalho que fizesse a diferença.

Em oito anos de atuação no Ministério Públco, ela mobilizou uma poderosa rede de proteção envolvendo assistentes sociais, psicólogos, conselheiros tutelares, policiais, médicos e enfermeiros. Essa união possibilitou o resgate de dezenas de crianças e adolescentes. Outras tantas ainda padecem pelos mesmos problemas em bairros pobres de Farroupilha, mas o cenário é bem diferente do que há cinco anos.

A impetuosidade de Cláudia lhe rendeu ameaças de pais descontentes, mas nada que lhe tirasse a tranquilidade. A mudança no tratamento dado a crianças e adolescentes começou pouco tempo depois da promotora ter chegado a Farroupilha, depois de ter passado em um concurso. Na época, ao contrário de Caxias do Sul, a área de infância e a juventude não era atendida por um servidor exclusivo. Os processos envolvendo destituições familiares e adoções estavam parados.

As crianças retiradas de famílias problemáticas viviam há muito tempo sob a tutela do Estado. Um dos abrigados, por exemplo, foi encaminhado para Caxias e ficou três anos recolhido porque não havia processo de destituição familiar ajuizado. Os transtornos aconteciam pela falta de um promotor e porque o município ainda estruturava o único abrigo para menores. Com tanto trabalho,

a promotora levou outros dois anos para colocar os casos em dia.

Só então Cláudia se debruçou sobre os casos de adoção e destituição familiar dividindo o tempo com processos de crime, família e cível. Com as primeiras adoções, ela percebeu que era possível mudar o rumo de gerações inteiras apenas com um pouco de empenho.

A promotora se sentiu na obrigação de controlar com mais rigor a rotina de todos os pequenos que entravam no abrigo. Mobilizou a equipe da Casa Lar Padre Oscar Bertholdo e o Conselho Tutelar, fixando metas e prazos. Os servidores firma-

porque roubava para sustentar o vício. Um dia ela apareceu grávida. Pensei que ela não teria condições de criar a criança – conta.

A agilidade e a liderança da promotora se tornaram públicas. Virou rotina, pais, tios e avós baterem na porta do Ministério Públco para entregar crianças que não conseguiam criar. No segundo semestre de 2010, ela se tornou ainda mais conhecida ao descobrir que sete bebês de prostitutas viciadas em crack seriam trocados por drogas ou dinheiro. Cláudia se antecipou, ingressou com ações simultâneas na Justiça, e as mães perderam a guarda dos filhos ainda na gestação.

– A mãe já é adulta, tem uma rede de apoio à disposição se ela quiser melhorar. Se ela não sai é porque não quer. Quando vejo o bom o resultado depois me convenço de que foi uma decisão boa – enfatiza.

A promotora não teme bater de frente com o poder público, quando necessário. Recentemente, chegou a ameaçar de prisão um alto funcionário da prefeitura para agilizar a internação hospitalar de um adolescente viciado em crack. Neste ano, ela conseguiu mudar todo o sistema de atendimento em creches para que mais crianças fossem atendidas gratuitamente em Farroupilha. A prefeitura se comprometeu a criar mil vagas em três anos.

Poucos sabem, mas recentemente Cláudia pensou em desistir do cargo. O motivo: com tantas tarefas e trabalhando até meia-noite, ela ficou sem tempo para dar atenção ao marido Paulo Balbinot e à filha. Mas, felizmente, mudou de ideia.

– Poderia fazer muito mais. A gente perde o sono, perde o final de semana e noites com isso. Ou a gente se envolve e rompe a barreira ou nada acontece – sentencia.

“Poderia fazer muito mais. A gente perde o sono, perde o final de semana e noites com isso”

ram documento onde se estabeleceu uma organização no atendimento e quanto tempo uma criança deveria permanecer recolhida.

Com o tempo, Cláudia se aproximou da assistência social, das equipes dos postos de saúde e dos hospitais. Os primeiros atendimentos eram relacionados, em sua maioria, a pais com deficiência mental ou crianças com problemas semelhantes. A clientela mudou nos últimos cinco anos, com a explosão do consumo de crack na cidade. Foi então que Cláudia teve a ideia de concentrar esforços em viciadas gestantes com o auxílio de médicos, enfermeiras e agentes comunitários da saúde.

– Conheci uma mulher sempre envolvida em processos criminais

PIONEIRO.COM

Confira depoimentos das pessoas envolvidas na erradicação da violência e negligéncia contra crianças em Farroupilha e de famílias que adotaram os pequenos

COMO ADOTAR

■ Qualquer pessoa, independentemente de ser casada ou não, pode adotar uma criança ou adolescente, desde que comprove idoneidade. Não há renda mínima exigida, mas a Justiça entende que uma pessoa deve mostrar que tem condições de sustentar e cuidar de um filho.

■ A pessoa deve comparecer ao Juizado da Infância e da Juventude, no Fórum de Farroupilha (Rua Treze de Maio, 71, Centro). O interessado deve retirar o formulário para habilitação e, antes de preenchê-lo, pedir orientação ao assistente social da repartição.

■ A documentação deve ser entregue no juizado, que anexará certidões de antecedentes criminais e negativa de distribuição cível. O processo vai para análise do Serviço Social do Judiciário e do Ministério Públco, enquanto isso, os futuros pais devem passar por um curso preparatório para adoção.

■ No caso das crianças e adolescentes da Casa Lar Padre Oscar Bertholdo, não existe fila. Ou seja, quem preencher os requisitos poderá adotar uma criança mais rapidamente.



ENGAJADA

Depois de assumir cargo em Farroupilha, a caxiense Cláudia Balbinot mobilizou a rede para salvar menores em risco

